

# O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo  
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA  
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priore extendens meipsum  
ad destinatum persequor, ad brevium  
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesus

ID. 13. 14.



APERTOS D'UM JOVEN ESCRIPTOR

SUMMARIO:—Secção Religiosa: *O episcopado brasileiro*; *Missa nova*, pelo Padre José Maria da Silva Peixoto; *Festa religiosa em Santa Clara de Alcaravella*, por João Leitão; *Festa ao SS. Coração de Jesus em Olival de Villa Nova d'Ourem*, por um assistente.—Secção Litteraria: *Dies Illa!*, por Mattos Ferreira; *Milton e Davenant*, Idem.—Secção Scientifica: *Liberalismo*, *Carta pastoral do Ex.º Bispo de Carthageni*.—Secção Historica: *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus*, 55.º, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—Secção Critica: *Annaes*, por D. Antonio d'Almeida.—Secção Necrologica.—Retrospecto, por F.

Gravura: *Apertos d'um joven escriptor.*

## SECÇÃO RELIGIOSA

### O episcopado brasileiro

#### PASTORAL COLLECTIVA

do Episcopado brasileiro ao clero e aos fieis da Igreja do Brazil

(Continuação do n.º antecedente)

«E, como elles dizem, não existe no mundo auctoridade religiosa exterior; se a Biblia, com ou sem inspiração pessoal, é a unica regra de fé; se o christão é instruido interiormente de quanto deve crer e praticar; se, por conseguinte, ninguém deve collocar-se entre Deus e o crente, quem poderá arrogar a si o direito de sómente censurar as doutrinas e opiniões de outrem?

«Emfim, pois, chegaram ao ponto de dizer que para se salvar basta crer na divindade de Jesus Christo, não podem os protestantes negar que seja possível salvar-se na Igreja Romana; por onde não ha mais quem possa justificar, nem mesmo explicar a intolerancia de que usam para com os catholicos.

«Mas vossa tolerancia, dizem ainda, bem que a inculqueis como puramente theologica, cheia a sangue e ameaçamos com os horrores da inquisição».

Deveramos talvez passar em silencio, não dizemos esta objecção, mas esta affronta. E' iniquo confundir tempos tão diversos e argumentar do que se fez em épocas remotas, em um Estado social inteiramente differente do nosso, para exprobrar à Igreja Catholica intenções que ella não tem, nem pôde ter.

Quem não sabe que os Papas reagiram contra os excessos e abusos da régia inquisição hespanhola, instituição antes de tudo politica e nacional, e que a Roma vinham procurar abrigo e protecção os hereges perseguidos da Hespanha?

Quem não sabe que, mantendo sem a menor quebra os seus principios e protestando pelos seus direitos, a Igreja exerce com as pessoas a mais larga tolerancia, e sujeita-se resignada e pacificamente a todos os regimens e *modus vivendi* que n'estes tempos de anarchia intellectual, no meio das agitações e revoluções da sociedade moderna lhe quem estabelecer!

Os que nos accusam não sabem o espirito que nos anima. Não sómente não queremos molestar os dissidentes estabelecidos no Brazil, como os Bispos e Catholicos da França, da Allemanha, da

Inglaterra, dos Estados-Unidos, não queremos molestar, nem molestaram já mais os dissidentes que convivem com elles n'aquelles paizes; mas ainda, como toda a Igreja Catholica, dilatamos o nosso coração na caridade de Jesus Christo para todos os nossos irmãos separados, dispostos a derramar o nosso sangue, a perder a propria vida, se este sacrificio fôra necessario para os ver unidos comnosco pelos laços da mesma fé, no gremio da santa Igreja Catholica, nossa Mãe commum.

Queremos ganhar a todos não pela violencia, não pela oppressão, não pelos máus tratos, mas pela doce persuasão, pelas armas pacificas da palavra, da oração, da caridade.

Parece-nos dignos co-operadores e Filhos muito amados, haver vindicado com argumentos irrespondiveis a verdade da doutrina da Igreja Catholica sobre a separação da Igreja e do Estado e a liberdade de cultos. Não perderemos de vista esta doutrina. Mas ao mesmo tempo que a mantemos como o ideal sublime de nossa fé, não desconhecemos que a applicação pratica d'esse ideal tem de adaptar-se ás difficuldades e malicia dos tempos e dos homens. O que comportaria um estado social perfeito, não o comporta outro cheio de desfallecimentos e de imperfeições.

«Sobre o terreno da doutrina, diz um grave auctor, a Igreja Catholica apparece como a obra pessoal de Deus, unica religião verdadeira, unica legitima, impondo de direito a todos os homens uma só e mesma fé e não tolerando outro symbolo senão o seu; exigindo que soberanos e subditos a reconheçam, a acceitem e conformem inteiramente com as maximas e prescripções d'ella não só o seu proceder privado, senão tambem todos os actos do seu governo.

«No dominio dos factos, pelo contrario, que vemos? De uma parte, até no seio dos Estados, cujos soberanos fazem profissão de Catholicismo, confissões religiosas de nome diverso, confissões rivas e poderosas, que, se não pretendem gozar cada uma honras e privilegios devidos á verdade, exigem ao menos serem postas no mesmo pé que a Igreja verdadeira, e reclamam para os proprios sectarios a tolerancia e a liberdade politicas. Dir-se-ha que esses soberanos nunca devem levar em conta essas reclamações, quaesquer que sejam aliás as consequências d'esta recusa no ponto de vista da ordem e tranquillida-

de interior? Ou então, se elles tomaram compromissos publicos com as seitas dissidentes, ser lhes-ha licito faltar á palavra, violar a fé jurada?

«De outra parte vemos governos fóra do Catholicismo. Uns ainda hoje estão curvos ao jugo do paganismo e da infidelidade, ignorando completamente a origem e a missão divina da Igreja.

«Outros, em maior numero, depois de haver abraçado a verdadeira fé e feito parte da confederação christã, cairam na apostasia, na heresia, ou no schisma, alliando-se d'esta arte aos inimigos da Igreja.

«Emfim, alguns ha que, afadigados de luctas e dissensões religiosas, acabaram por pôr-se, em face de toda religião positiva, em estado de completa indifferença, ou, ao menos, se contentam de não sei que *direito commum* que os rebaixa ao nivel das associações vulgares.»

No nosso Brazil não é mais risonha a situação. Por um singular phenomeno acustico, repete elle fielmente, atravez do Atlantico, todos os ecos das revoluções europeas. O espirito hostile á Igreja está entre nós fremente, aspero nas suas exigencias, incarnado em uma seita poderosa e dominante. Não, infelizmente não podemos esperar nem protecção nem favores no estado em que nos achamos.

Emquanto a nação não assentar com serenidade e reflexão, com a sabedoria que, esperamos em Deus, presidirá aos seus conselhos, as bases da nossa constituição definitiva, só temos uma coisa que fazer: é usar da liberdade que nos reconhece o governo actual da Republica, liberdade que é o nosso direito inauferivel, e armados de paciencia, abraçados com a Cruz, tanto mais confiados nos auxilios celestes quanto nos fallecem os terrenos, tomar alma nova, aspirar forte um novo espirito, espirito de caridade, espirito de zelo, espirito de sacrificio, e trabalhar corajosos na grande e dupla obra do resflorecimento de nossa Igreja e de nossa patria. A Igreja tem o segredo das grandes renovações sociaes.

O sopro que sahe com um genido do peito dilacerado d'esta Mãe é o sopro de Deus, é a vida. (Continua).

### Missa nova

Escrevem-nos do Fafe:  
Cantou no dia 14 de setembro a sua

primeira missa o revd. Antonio L. Saldanha de Castro, da illustre casa do Santo, d'esta villa.

Assistiu numerosos clero, bem como muitos cavalheiros importantes da villa e de fora d'ella.

Varias prendas foram offerecidas ao novo levita, entre as quaes avultam as seguintes: um calix com a copa d'ouro offerecida por sua prima D. Leonor de Castro e Sousa; um de prata com relevos, pelos irmãos; outro de prata, por sua maia casada com o snr. visconde da Ermida, do Porto; uma casula bordada a ouro pela snr.<sup>a</sup> D. Maria Barbara de Castro Vasconcellos, da illustre casa de Cabeça, em Margaride; um thuribulo e naveta de prata, pela tia do mesmo, D. Maria Candida Leite de Castro; um crucifixo d'ouro, pelo revd.<sup>o</sup> Padre Francisco d'Assis Ribeiro e Costa, de Famalicao; uma pixide, pelas irmaes do levita; uma bem trabalhada alva, pela snr.<sup>a</sup> D. Leonor de Castro e Sousa.

A orchestra foi do revd. Eugenio, de Guimarães, e a banda do sur. Maia, da freguezia de Gulães, d'este concelho.

Prêgou o revd. arcepreste e abbade d'esta villa. Foi escutado com benevolencia e interesse.

Na occasião do jantar, que foi abundantissimo, brindaram calorosamente o novo levita, o revd. abbade de Estorãos, o snr. dr. Aristides Albano de Moura Teixeira, os snrs. Luiz Dourado, Albino de Sá e Militão Maximo de Castro e Sousa, que veio com sua illustre familia de Paris e de proposito assistir a esta grandiosa solemnidade. Foram padrinhos o revd. José Maria da Silva Peixoto e José da Silva.

Foi a festividade maior n'este genero que se tem feito por estas localidades. Ligado pelos laços de amizade que me prendem ao joven sacerdote, não posso deixar de dar-lhe um testemunho solemne da minha dedicacão, ficando-lhe muito grato, amigo redactor, pela publicação das seguintes linhas:

*Em memoria do dia 14 de setembro de 1890, festa da missa nova do meu especial amigo o revd. Padre Antonio Leite Saldanha de Castro, de Fafe.*

Estimulado pelos sentimentos experimentados na minha sempre saudosa missa nova e commovido pelos laços sagrados de amizade que me estreitam a um conterraneo e mais que tudo amigo dedicado; não posso deixar de render preito e homenagem a uma festividade em que se lembra aquelle facto portentoso lido na historia da humanidade e iniciado no Calvario. D'esta maneira julgo tradusir as deliciosas emoções e transportes d'alegria em face de uma festa tão grandiosa e pathetica. Amigo. E' mais uma vez re-

conhecida a verdade de que esta vida, apesar de repleta de trabalhos, misérias e provações nos apresenta um não sei que de ventura em que o homem se julga relativamente feliz, reconhecendo d'esta forma quanto será ditoso e invejavel o goso da Patria feliz e immorredoura. E' assim, que o homem, no meio das graças com que Deus o enriquece e do extasis que o arrebatava, reclama a Morada Eterna, chegando a conhecer que é longa a habitação terrena, como diz o propheta: *Incolatus meus prolongatus est.*

E' assim que se faz lembrar a preponderancia do sentimento religioso e culto catholico vendo subir pela primeira vez os degraus da Montanha Santa ao joven levita do Senhor.

Necessariamente caem abismados os nossos acerrimos inimigos ao presenciarem a gravidade e excellencia do culto catholico em suas ceremonias tão augustas, arrebatadoras, entusiasticas e extaticas.

Quão elevada e excellente é a dignidade sacerdotal, por ti, amigo, tão justamente assumida e cujo merecimento é testemunhado por aquelles que te viram progredir no caminho da sciencia e virtude!... A tua piedade nunca denegrida e as qualidades invejaveis que exornam o teu nobre coração dão testemunho insuspeito de que vens a ser um sacerdote digno, e accommodado ás circumstancias dos tempos actuaes. Sim, amigo, já não temos o cutelo do sacrificador nem lenha para consumir a victima. Não temos essa influentemente diferente sombra da antiga oblação; mas sim, como disse o Primeiro sacerdote, *uma offerenda pura, que em todo o lugar se offerece e sacrifica ao meu nome porque desde o poente ao oriente é grande o meu nome entre as nações.*

Não temos o sangue dos animaes derramado, mas sim, *uma hostia pura, santa e immaculada*, a prova mais evidente do acrysolado amor que o seu meigo instituidor teve para com os homens pela continuacão do lucruento Sacrificio iniciado no alto do Golgotha.

Sublime e grandiosa dignidade! em que J. Christo obedece ao homem no sacrificio que parece sobrepujar em dignidade a morte no Calvario!

Na cruz houve um sacrificio, no altar ha milhares por dia. Jerusalem a sós presenciou o sacrificio de cruz, o orbe catholico presenciou o sacrificio do altar. O sacrificio da cruz durou algumas horas, o do altar durou seculos e continuará até a consummacão dos tempos. Quem é portanto o sacerdote no meio de tantos prodigios? Grandiosa e sublime dignidade! cujo pensamento necessariamente pulverisa a soberba de muitos homens de nossos tempos,

o seu odio ao clero e o desprezo aos seus ministros! Remontemos aos tempos primitivos, e vejamos o que nos diz a historia com relação ao homem revestido da dignidade sacerdotal. Diga-o a nação ainda a mais barbara e antiga a consideracão em que era tido o sacerdote. Digam-no as familias mais illustres da antiguidade como a de Abrahão, Isaac, Jacob e Job. Diga-o a dignidade ainda temporal de que os antigos o revestiam. Diga-o Alexandre (o grande), diante do qual desfilavam numerosos exercitos e a quem o mundo respeitosa e obedecia.

No celebre encontro que este importante conquistador teve com Jaddo e mais sacerdotes poupou a completa destruição de Jerusalem. E que é o sacerdote da nova lei de que o antigo é um pallido reflexo? S. João Baptista teve a dita de dizer uma vez: *eis o cordeiro de Deus, eis o que tira os peccados do mundo.* O sacerdote da nova lei não o diz uma, mas milhares de vezes. E' o sacerdote medianeiro entre Deus e o homem. Deus está aguardando a decisão da sentença do homem reo no tribunal da Penitencia, para a sellar com o cunho da eterna felicidade ou perdição. Vejamos, o que é sufficiente, o pensamento de S. Bernardino de Senna na comparacão do sacerdote com a Virgem: *Sacerdotium ipsum praetulit supra te.*

Eia, pois, bondoso amigo; já vês como é inolvidavel o solemne dia 14 de setembro de 1890: dia que será gravado em letras d'ouro na historia da tua vida; dia que semelhante aos tempos da tua sonhada e tenra infancia será lembrado com saudosa recordação; dia que assignala na tua vida a epocha mais gloriosa; dia que aponta a cumiada da montanha para onde tuas vistas se dirigiam; dia a fim em que depois de attingires o *consummatum* do espinhoso caminho escholar, vês d'esta forma coroados os teus trabalhos, passados pelas aulas e frues a tua maior aspiracão n'esta vida por cujo goso se julgam felizes os queridos auctores de teus dias... Do ceu chova sobre ti e sobre tua tão nobre como illustrada familia uma torrente de bençãos.

Recebe um doce amplexo do teu dedicado amigo e reconheçamos mais uma vez o quanto é consolador o espirito da nossa tão encantadora religião; divisemos a origem de nossas satisfações levantando em santas e justas expansões e com o fogo proprio dos vinte e tantos annos um caloroso: *viva a religião catholica apostolica romana!!*

*Padre José Maria da Silva Peixoto,*

## Festa religiosa em Santa Clara de Alcaravella

*Snr. Redactor do «Progresso Catholico».*

**N**ão a v. se digne reservar um cantinho do seu jornal para dar publicidade a estas linhas que me parece terem assaz força para innundar os corações piedosos que d'ellas forem conhecedores. Sim: é mais uma honra para a Santa Igreja; é mais uma gloria para a nossa santa Religião que devemos exaltar; é mais, enfim, um tropheu para a Santissima Virgem, nossa mãe!... Decerto que a minha narração nada teria de extraordinario se os factos ou circumstancias da festividade, que vou descrever, se tivessem dado em uma populosa cidade, mas quem de perto os observou, como eu, não deixará de concordar que é digna de memoria, attendendo-se ao logar em que se celebrou a dita festividade, que foi em Preza, freguezia de Santa Clara d'Alcaravella, Sardoal. A minha insufficiencia é illimitada, e, como disse, ainda que occorressem circumstancias que, descriptas por um bom escriptor, deviam ser arrebatadoras, por mim não ficarão senão com o seu brilho offuscado.

No dia 10 de setembro parti d'esta cidade de Lisboa em companhia d'alguns amigos para a minha terra natal, (já mencionada) com o fim de tomar parte na direcção da festividade, que foi a primeira que teve logar n'aquella pobre aldeia, para mim de gratas recordações por me ter servido de berço; onde assim cheguei pela volta das 4 horas da manhã do dia 11.

O visitador d'aquelles sitios agrestes divisa uma capellinha ha pouco construida no meio de um monte que lhe serve de penha e é d'esta que vou tractar.

Foi construida a expensas exclusivas da caridade publica e devia ser benta no dia 14, por cuja razão nos apressamos a começar os preparativos da festa para que esta se fizesse com todo o esplendor possivel... Com effeito tudo concorreu para o brilho d'ella e até a mesma natureza, obedecendo aos desejos do seu Auctor, tomou parte n'ella!... Após uma noite que dava as mais felizes esperanças, raiou o dia mais bello que se pode imaginar, e a aurora, difundindo um novo encanto, veio saudar com suas ambrosias Essa que com razão é chamada *Stella matutina!* e visitar a sua nova habitação, que se achava primorosamente decorada!... A porta da entrada convidava a entrar aos visitantes: os pegões em que esta se sustentava estavam vestidos d'azul; pendia do meio um M de rosas artifi-

ciaes e dos lados ricas sanefas de veludo encarnado, tudo coroado por uma bandeira com os braços portuguezes; os pegões da frente ligava-os uma cunha d'arcos e bandeiras aos dois primeiros paus que começavam a formar a rua triumphal por que devia passar a procissão, e pela parte inferior ligada aos pegões, levantavam-se altos bastões symetricamente compassados em duas alas vestidos de murta, as quaes seguravam, d'uns aos outros, braços da mesma murta. Quando o sol tinha chegado ao zenith do seu brilho, o sino da torre, que pela segunda vez deixou ouvir seu alegre som, convidou a todos para que saudassem a Virgem como outr'ora o anjo embaixador e já então affluia numeroso povo circumvisinho. Pouco depois chegou o rev.<sup>mo</sup> sr. Prior acompanhado de 4 sacerdotes dignissimos que se dirigiram para onde estavam as imagens, que deviam ser transportadas para a nova capella, as quaes eu tinha obtido d'uma rev.<sup>ma</sup> Madre Abbadessa d'um antigo convento. Depois de se ter benzido, segundo os ritos, a nova capella, procedeu-se ao transporte das imagens em procissão. Abria esta um rico pendão, seguido de 14 meninas em duas alas com açafates de bolos para serem vendidos a lance e cujo producto era offerecido á Santissima Virgem; seguiam-se depois as irmandades com tochas accesas convenientemente ordenadas, seguindo os andores, e um d'estes, que era do Menino Jesus deitado n'um berço, era levado por 4 meninos, ao qual se seguia o andor de Jesus Salvador, uma das mais ricas imagens: junto ao andor da Santissima Virgem, que se seguia, iam alguns anjinhos vestidos com especial gosto espalhando flôres: a cruz alçada tambem obtida do mesmo convento é digna d'admiração!... Poucas haverá de melhor gosto; fechava finalmente a procissão uma bem harmoniosa musica instrumental.

O espectáculo era surpreendente e o espectador, que collocado no mais alto do monte tivesse observado este quadro, teria gosado uma d'essas scenas que impressionam d'alegria a alma! Quando a procissão chegou á capella, subiu o ex.<sup>mo</sup> e rev.<sup>mo</sup> sr. dr. João Mora ao pulpito, no fim de cujo discurso se deu principio á missa, que foi cantada a instrumental; a nova capella n'este dia que pela primeira vez vestia galas, apresentava um ar magestoso e centenaes de luzes faziam rebrilha-la, despedindo seus luminosos raios sobre o recinto sagrado! As harmoniosas vozes dos sopranos e contraltos com as robustas dos tenores e baixos, ordenadas admiravelmente com a boa direcção do ex.<sup>mo</sup> sr. dr. Mora, faziam um effeito sobremaneira

tocante!... Ao evangelho orou segunda vez o ex.<sup>mo</sup> sr. dr. Mora, que de véras deliciou o animo de todos os circumstantes, deixando-os submergidos e concentrados com um entusiastico fervor!... A' elevação soava a phylarmonica suave e magestosa no meio d'um silencio sepulchral, que era interrompido unicamente pelo ruído do thuribulo: os fieis curvavam-se! e tudo estava em acto d'adoração!... Seriam perto de 2 horas quando a missa se concluiu. Já o sol ia declinando para o occaso quando os fieis se dirigiam pressurosos para a capella onde tiveram logar os actos religiosos da tarde!... A dubia luz do crepusculo deixava vêr os signaes mais evidentes do jubilo que innundava todos os corações nos rostos risonhos de todos.

Ao começar a noite a envolver a terra nas suas trevas, apresentava-se aos olhos do espectador um bello quadro nocturno. O trajecto da procissão estava esplendido! centenaes de ba-lões coando sua terna luz, alumiam esta paizagem nocturna da natureza! Houve fogo preso de vista que durou uma hora, coroando-se assim este dia!... Ao outro dia distribuiu-se por diferentes vezes o Pão Eucharistico a muitos fieis, que fervorosos se associavam ao Divino convite. Celebraram-se diferentes missas pelas almas de diversas pessoas e rezaram-se tambem alguns responsos. Ao meio-dia terminaram as confissões para dar logar á missa cantada. Discursou o referido sr. dr. Mora sobre a sagrada communhão com tal facilidade e unção incapaz de se poder descrever com penna humana. A missa seguiu o seu curso até que chegou o precioso momento da Communhão Geral! Oh! que bello momento!... Quantas lagrimas se não deslisaram pelo rosto dos fieis!... Oh! mysterio sublime! Foram momentos ditosos que fugiram (como toda a felicidade terrena) a passos agitantados!... Emquanto durou esta cerimonia mil louvores e canticos subiam ao ar entusiasticamente!... Em seguida distribuiram-se pensamentos do Coração Divino de Jesus aos fieis que tinham commungado!

Mas já me esquecia dizer que antes da missa se distribuiram tambem algumas imagens e pão a perto de 300 creanças: e o pão que cresceu foi enviado aos doentes e pobres da freguezia; e emquanto isto se fazia cantou-se um hymno á Santissima Virgem a que as creanças faziam côro com um pueril entusiasmo!... Pelas mesmas horas do dia antecedente repetiram-se á tarde as mesmas ceremonias religiosas, cantou-se a Ladainha, etc. e cada circumstante se retirou transbordando em seu coração a mais pura alegria!...

No dia seguinte ainda houve muitas communhões e missas e ainda se distribuíram diversas estampas como penhor sagrado e estímulo da obrigação em que ficavam os fleis de reformarem a sua vida modelando-a pela da Santíssima Virgem, ao que as exhortou o ex.<sup>mo</sup> snr. dr. Mora em uma allocução, que lhes fez no dia anterior.

Concluídas assim venturosamente as festividades que foram coroadas com tão feliz successo e esperanças tão consoladoras, vi-me obrigado a deixar o meu berço e retirei-me com o coração cheio de saudades, mas bem compensado dos meus trabalhos!...

Praza aos Ceus que tudo possa servir para honra e gloria de Deus.

Lisboa, 20—7—90.

João Leitão.

### Festa ao SS. Coração de Jesus em Olival de Villa Nova d'Ourem

INDA que um pouco tarde, seja-me permitido dar aos numerozos e catholicos leitores do *Progresso Catholico* e especialmente aos associados do Sagrado Coração de Jesus, em Portugal, a sympathica noticia das solemnes festividades em Olival, nos dias 27 a 31 d'agosto ultimo.

Farei, d'envolta com esta noticia, conhecidas algumas occorrencias que prendem bastante com a festividade. Vae em tudo isto a gloria de Deus e um incentivo aos fracos e desanimados, a fim de, mais e mais, trabalharem na causa santa na religião.

Até ha dois annos causava tristeza entrar no edificio da igreja de Nossa Senhora da Purificação d'Olival. A irregular construcção do mesmo edificio, a má disposição d'alguns altares, a imperfeição das suas imagens, a vetustez das madeiras e sobretudo uma ordem de barrotame grosso que a dois terços d'altura das paredes atravessava o templo em sentido latitudinal, davam áquella igreja um aspecto desagradabilissimo. Aceio não podia haver-o, pelo mau estado do tecto e telhados. A luz era escassamente coada atravez d'uma janella e 3 ou 4 guaritas, semelhantes ás que servem d'arejamento a adegas.

Tal estado de cousas reclamava naturalmente uma igreja feita pelos alicerces, ou pelo menos grande reforma e melhoramentos importantes no velho edificio; mas de que modo, se não havia meios?

Não havia dinheiro,—nem sequer um real!

Entretanto... *audaces fortuna juvat*. O dignissimo Prior Faustino José Jacintho Ferreira,—sacerdote exemplarissimo pelo seu tracto lhanissimo, lealda-

de de caracter, e sobretudo pelo seu estremado zelo parochial, adorado por um viver sempre irreprehensivel e no exercicio de todas as virtudes christãs—tomou sobre seus hombros o pezo do grande empreendimento da reedificação da sua querida igreja.

Não vem agora para aqui narrar a opposição, as contrariedades e desgostos que soffrêu aquelle bondoso parochico para começar e levar por diante a obra da sua igreja. E tanto isto é mais lamentavel, quanto uma grande parte d'aquelles dissabores partiram de pessoas d'onde se não esperava; antes muito se contava com o seu apoio e cooperação; mas deixemos isto, que só serve para renovar magoas.

Alagou se, pois, a igreja e foram arrematados os materiaes e mão d'obra para o novo templo. Como era obra de Deus, em breve appareceram os meios de custear as despesas. Com os subsidios do erario publico, com o auxilio das esmolas e trabalho do bom povo da freguezia d'Olival, conseguiu o incansavel Prior levar ao fim a sua sympathica obra. Cabe bastante louvor e tem direito ao agradecimento do povo olivalense o então digno governador civil de Santarem, o ex.<sup>mo</sup> snr. dr. Victorino José Pereira de Carvalho, que muito se esforçou pela concessão dos subsidios do governo.

S. Em.<sup>a</sup> o Sr. Cardeal Patriarcha, animando constantemente o seu querido Prior d'Olival, fez que fossem concedidos áquella igreja ricas imagens, um sacramento, banquetta de castiças, paramentos e outros objectos do culto pertencentes a extinctos conventos de Lisboa.

Terminados os trabalhos de carpintaria e alvenaria, é pedida ao Em.<sup>mo</sup> Prelado auctorisação para benzer a nova igreja.

Para tornar mais importante e mais esplendorosa aquella cerimonia alcançou o excellenteparochico d'Olival que viessem do Varatojo dois piedosos missionarios, a fim de pregarem no dia da benção da igreja, e bem assim no triduo e festividade do Santissimo Coração de Jesus.

Com effeito, no dia 27 d'agosto teve lugar a benção da igreja, procissão das imagens que iam ornar o novo templo, e depois sermão pelo virtuoso e eminente orador sagrado Fr. Manoel das Cinco Chagas,—uma das glorias do pulpito portuguez.

Seguiu-se um triduo d'orações, confissões e communhões, havendo em cada dia uma pratica ou antes missão feita alternadamente pelos santos e sabios varatojanos Fr. Antonio do Presepio e Fr. Manoel das Cinco Chagas.

Descrever o que se passou em Olival durante o triduo e no dia festivo é tarefa difficil, senão impossivel.

Sacerdotes, em numero de 12, estiveram n'aquelles 4 dias ouvindo de confissão a enorme multidão de penitentes que alli affluíu de todos os logares da freguezia d'Olival e até d'outras freguezias.

Como era edificante ver a fervorosa concurrencia de pessoas de quasi todas as edades, estados e condições, a purificarem suas almas nas aguas salutaes da penitencia! Passou de 3:000 communhões que houve por esta occasião na ditosa freguezia d'Olival!!!...

Como a impiedade rirá de tudo isto!

No domingo, dia 31, foram estas funções coroadas pela festa do Sagrado Coração de Jesus—a mais esplendida, a mais enthusiastica, a mais brilhante que tenho visto.

Ilouve de manhã a missa rezada e em seguida communhão geral. Ao meio dia começou a missa solemne, cantada pelo angelico Fr. Antonio do Presepio, acolytado pelos Padres José Pereira G. das Neves e Joaquim Marques Ferreira. Tocou a philarmonica de Villa Nova d'Ourem.

Ao Evangelho subiu de novo ao pulpito o sempre notavel orador Fr. Manoel das Cinco Chagas.

Faltar eu detidamente do monumental sermão de Fr. Manoel seria deslustral-o. Limitar-me-hei a dizer, muito de passagem, que o distincto orador demonstrou até á saciedade e por uma forma sempre elevada e sempre ao alcance de todo o auditorio, que a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, era a mais util e a mais importante das devoções, pela sua origem, pelo seu objecto e pelo seu fim.

Rendeu justos elogios ao desvelado pastor d'aquella freguezia que tinha levantado aquelle templo, e que tanto se esmerava pela propagação e augmento da devoção ao Sagrado Coração, e pelo bem espirital de seus parochianos. Terminou afervorando os zeladores e zeladoras a que se inflamassem mais e mais no amor de Jesus e o desaggravassem de tantos ultrages que está soffrendo n'outras partes. Teve lanças verdadeiramente arrebatadores! Nunca o pulpito d'Olival fôra tão bem occupado; e confio muito que o Sagrado Coração de Jesus abençoou as suas palavras que agora já terão produzido muito fructo.

Acabada a missa, seguiu-se a vistosa procissão, com o SS. debaixo do pallio. Iam em seus devidos logares as irmandades do Sagrado Coração de Jesus, a do Espirito Santo e a do Santissimo, cada qual com os seus emblemas. Uma grande quantidade d'anjos espargiam flores no trajecto da procissão. Mais de 200 donzellas levavam ordenadamente suas offertas, e uma enorme multidão de mancebos

supportavam aos hombros os andores de pingues e valiosos presentes que a religiosa gente d'aquella freguezia offercera para a festa. Recolhida a procissão, que durou mais d'uma hora, houve a benção do SS. Sacramento; e ainda aquella hora, 4 da tarde, commungaram cerca de 50 pessoas.

O resto do dia passou-se alegremente no Senhor.

Como era edificante ver no arraial de mais de 12:000 pessoas, desde a alta aristocracia, que mesmo de Lisboa alli viera, até ao mais humilde plebeu, todos ou quasi todos trazendo ao peito o escapulario ou medalha do Sagrado Coração de Jesus, que alegremente lhes distribuia o piedoso Prior d'Olival!

Não houve bambochatas nem desmandos, não: tudo correu em boa ordem. Tocaram durante o arraial as philarmonicas de Villa Nova d'Ourem e d'Ourem, as quaes n'um variado repertorio desempenharam agradavelmente a sua missão.

E assim se retiraram todos para suas casas levando as muito gratas impressões d'uma festividade verdadeiramente edificante onde o culto externo da nossa bendita religião se exhibiu d'uma maneira tão triumphante.

Que tudo fôsse para gloria de Deus e da sua Igreja! Que os bons se animem e os maus se confundam.

Mil parabens ao virtuosissimo e illustrado Prior d'Olival que assim se viu compensado de tantos desgostos que tem magoado seu bom coração. Avante, incansavel ministro do altar! Deus está comtigo!

Mil louvores ao povo d'Olival, tão obediente ao seu bom pastor. Que o Sagrado Coração de Jesus abençoe a todos e os chame um dia ao eterno gozo do seu Santo Amor.

*Um assistente.*

## SECÇÃO LITTERARIA

### DIES ILLA!

Ornam o templo as negras colgaduras!  
A nave acordam hymnos sepulchraes!  
A eça cinge, em pregas triumphaes,  
o velludo, com nobres bordaduras!

Rememora-se a grei das sepulturas.  
E, em cada rôsto, ha tragicos signaes.  
Mas, n'um recanto, um vulto não notaes,  
mais esbelto, que as gregas esculpturas?...

Cegam-lhe os olhos, lagrimas piedosas!  
Arqueja o peito, em estos lancinantes!  
Livro e lenço, disputam mãos fornosas.

—Meu pae!—suspira, em lagrimas tocantes.  
E, enquanto as mãos se ajuntam dolorosas,  
a dôr sepulta, em fios de brilhanteal...

*Mattos Ferreira,  
Prior em Cintra.*

## MILTON E DAVENANT

Carlos fôra já morto. E algozes commissarios, os chamados decretos revolucionarios, cadafalsos, desterros, a confiscação... Era a França perdida, em plena Convenção!...

D'entre os muitos, que hastearam o pendão do crime, do seu odio Inglaterra, um só, só um redime. Milton, o grande Milton—oh erros de humanos!— pôz o genio á mercê dos feros puritanos; grandemente odiando, em sua autonomia, esse leal partido, que ao seu rei prendia, generosa constancia!... E este zelo odiôso, dos favores de Cromwel, Milton fêz vaidoso!...

Ardendo uma manhã, de sangue em sêde intensa, predicantes soldados trazem-lhe á presença, um homem moço ainda, a fronte desmaiada, e prematuramente um tanto avelhentada. Era um realista emfim!... No furôr que o movia, Milton de ardente olhar, a inerme rêz media, que esquecida da propria infelicidade, commenta do juiz, os erros com piedade.

—Como te chamas tu, capacho de um senhor, vassallo duas vezes, de servo e traidor?... Responde!...

—Davenant.

E tanto que ouviu isto, a Milton sanguinario, tel-o-hieis visto erguer-se, vacillar, e, a cadeira arredando, para o preso avançar, que a escolta está cercando.

—Davenant, dizes tu?!... Um nome tão querido!... Das musas serás, pois, o tão favorecido, que do Parnesse outr'ora, as margens deleitosas, cantou, no sacro bosque, em rimas tão formosas?... —Sem duvida, que outr'ora—Davenant volveu— nos meus dedos d'Aonia a cithara gemeu.

A taes palavras solta lagrima piedosa!  
E sem que a turba o enleie, attenta e já ciosa,  
Milton a mão aperta, ao bardo meio pasmado.  
Depois n'aquella voz e accento de inspirado,  
com que d'Eva cantou, as horas mais brilhantes:

—Não morrerás cultor de quadros scintillantes:  
juro-t'ò pelas artes que nos hão unido,  
muito antes de Albion as ter de si banido.  
A corações que abraza a sacra flamma bella,  
que lhe importa de um Pym, a torpe e vã querella?!...  
A morte não acata subditos nem reis;  
mas bons versos poupar, por certo que a vereis,  
quer um povo celebrem, quer tyranno injusto.  
Virgilio é immortal, por ter cantado Augusto.

Que!... Ha de a lei tomar do gladio sem piedade,  
contra um filho de Apollo?!... Oh, certo que não ha de!...  
Soldados, retiraes! Vosso zêlo agradeço.  
Este preso é—sabei,—um cidadão sem preço,  
um bom republicano... E é mesmo voz constante,  
que o trespasse do Stuart, o enthusiasinou bastante!...  
—Oh nunca!...—contra o que ouve, Davenant bradou.  
Milton de prompto a mão, na bocca lhe poisou.  
De um gabinete ao fundo o impelle bem ligeiro;  
dá volta dupla á chave, e com algum dinheiro,  
cortezmente despede a horda jacobina.

Para o captivo bardo, o passo então inclina.  
Manda lhe tragam vinho. A taça lhe põe cheia.

De bons ditos após, o almoço lhe recheia.  
De politica—nada!... Muitos juizos finos,  
sobre o atticismo grego, e o gosto dos latinos.  
Davenant de *Ruisseau* o idyllo recitou.  
A primor o *Allegra*, Milton declamou.  
Os córos disse mais do *Sanson Agoniste*,  
e ainda do *Penserôso*, o cantico tão triste.  
Os dois mui deleitados, por seus dons diversos,  
um do outro se apartam, murmurando versos!...

\* \* \*

Mas de escuras miserias, já cansado o povo,  
pelas paternas leis, suspira então de novo.  
Do rei se recordou; e crimes taes sem freio,  
indultal-os, prudente, um sabio edicto veiu.  
Poupou-se a um ou outro, digno de presidio,  
ou cumplice ou fautôr do hediondo regicidio.  
Milton, entre esses taes, seu nome viu tambem.

Fugindo ao seu renome, em casa amiga tem  
asylo, aonde obscuro, aguarde esquecimento.

Certa noite cavando, em seu cruel tormento,  
de uma lampada herdada, a alguma sepultura,  
á vasquejante luz,—gemia de amargura.  
Vibrara meia noite; e, rude e bruscamente,  
do quarto a porta abala, um encontrão valente.  
Dos soldados ao pulso, os quicios são partidos.  
Sua filha correu! Seus passos são seguidos.  
Do poeta no asylo, o commandante entrou.  
Do chapeo, para os olhos, a aba que puxou,  
vela-lhe o rosto a meio. As palpebras molhadas  
inundavam da capa, as dobras bem plicadas.

Mas Milton não n'ô via. N'esse olhar sem luz,  
para elle a pupilla, trevas só produz.

—Que é isso? Que me querem? — o cantor exclama.—  
Falac. Quereis que eu morra?...

—E' Davenant quem chama!—

responde o embuçado. E Milton, em seguida:

—E eu, oh negro traidor, que te salvei a vida!...

—Sim—retruca o poeta (e a face em chammias sente).

Mas vós culpado sois, e eu era um innocente.

Firme e estoico! Ostentae prodigios de coragem!...

Meu pobre velho, a morte é a final romagem!...

Tarde ou cedo, o trajecto é certo e sempre igual,  
para qualquer. Emfim, eis a ordem fatal.

Do vate a doce filha, branca e melindrosa,  
abre o negro papel, que inunda lacrimosa.  
E' ella de ordinario, que Homero pagão,  
lê em douto convivio, ao Homero christão;  
e do divino texto, interprete modesta,  
ao pobre cego pae, celeste luz empresta,  
por pago d'essa luz, que d'elle proprio herdou.  
Ministrando-lhe apoio, o pae a si puxou,  
e tal sentença lê, em voz convulsionada:

*Desejando a justiça á clemencia alliada,  
apraz-nos outorgar, com regia auctoridade,  
a Davenant, em premio de fidelidade,  
de Milton o perdão.*

CARLOS.

De tal momento,  
os transportes febris, que os pinte o pensamento,  
e as lagrimas, que em Londres, faceis derivaram,  
vendo como um ao outro, os bardos se salvaram!...

(DE CHATEAUBRIAND)

Mattos Ferreira,  
Prior em Cintra.

## SECÇÃO SCIENTIFICA

## Liberalismo

Carta pastoral do Ex.<sup>mo</sup> Bispo  
de Carthagena

(Continuado do n.º 21)

XVI

*Conclusão: o Liberalismo é peccado:  
é preciso escucavar a arvore maldita*

† Á vos expozemos o erro contempo-  
raneo sob todas as suas fórmas,  
descrevemos a sua genealogia, os  
seus actos, os seus intuitos, os  
seus resultados; apresentamos á vossa  
vista a arvore maldita das modernas  
illusões, a arvore da sciencia do bem  
e do mal d'este pretendido Paraizo; as  
suas raizes são a soberba humana, le-  
vada á apothese na revolução por  
autonomazia, na revolução franceza; o  
seu tronco é a independencia, a eman-  
cipação do homem da soberania do  
Altissimo, com o sequito respectivo  
d'erros, que são como as fibras ou es-  
tambres que o constituem; os ramos  
principaes são os que proclamam a in-  
dependencia absoluta, isto é, os socia-  
listas, communistas, nihilistas e outras  
seitas analogas; são ramos da maldita  
arvore os que proclamam a indepen-  
dencia do homem na ordem sobrena-  
tural, os naturalistas de varias esco-  
las, os maçons e livre-pensadores; os  
ramos menores são os liberaes mode-  
rados, que com mais ou menos ousa-  
dia declaram independentes de Deus e  
do seu Christo as sociedades civis, os  
Estados. Cada um d'estes ramos tem  
varios galhos; taes são ou as negações  
ou as liberdades que respectivamente  
proclamam. Ao pé d'esta arvore bro-  
tam pequenos rebentos, ao parecer se-  
parados d'elle, mas que realmente vi-  
vem pegados ao tronco e se alimentam  
com a seiva que recebem da sua raiz;  
estes são os liberaes catholicos.

As folhas e os fructos da arvore são  
malditos e causam a morte. Mas cres-  
ceu tanto, e tão frondosa se fez a ar-  
vore da soberba, que em seus ramos,  
como no dos sonhos de Nabucodonosor,  
fazem ninho todas as aves do ceu, e  
à sua sombra descansam e se recreiam  
todos os homens e as bestas da terra;  
erguendo-se altaneira para as nuvens,  
essa arvore tem provocado os raios  
das divinas vinganças, e eis que em  
nome de Deus o Pontifice Romano pro-  
nunciou contra ella a sentença que o  
anjo velador e santo executor das iras  
de Deus déra contra a arvore de Na-  
bucodonosor; e na sua magnifica Ency-  
clica nos disse com apostolico zelo e  
inteireza: *Succidite arborem et dissipate*

te illam (1). Cortae-a e fazei-a em cavacos; despi os seus ramos, sacudi as suas folhas, espalhae os seus fructos; fujam as bestas que estão debaixo d'ella e as aves que leem ninho nos seus ramos; extirpae as raizes até que conheçam os viventes que o Altissimo tem dominio sobre o reino dos homens, sobre os Estados: *Donec cognoscant viventes quoniam dominatur Excelsus in regno hominum* (2).

Eis aqui a doutrina do Papa; eis aqui o preceito do Nosso Santissimo Padre. E reparae, veneraveis Irmãos e amados filhos, em que não se contenta o romano Pontifice com que seus filhos não comam dos fructos da arvore maldita, com que não decaem a sombra das suas folhas, que é *sombra de morte*, mas quer além d'isto, anhela mais, preceitua tambem, que todos nos unamos e aprestemos para cortar a arvore nefasta, para a fazer em achas e extirpar as suas raizes; em uma palavra, para destruir totalmente o Liberalismo na terra.

Sim, veneraveis Irmãos e amados filhos, gravemente pecca o catholico que professa taes theorias, pecca mortalmente contra a fé, contra a obediencia, contra a caridade, e facilmente pôde tornar-se réu de peccados contra outras virtudes e preceitos. Mas não só pecca quem professa taes doutrinas, mas tambem o catholico que, crendo firmemente tudo o que a Igreja propõe e ensina, coopera todavia, directa ou indirectamente, positiva ou negativamente no triumpho e conservação, propagação e applicação do systema liberal e das suas nefandas theorias, na emissão do suffragio, na redacção e assignatura de periodicos ou revistas verdadeiramente liberaes, em assistir ou mandar os filhos a escolas liberaes, na eleição de partidos politicos, ou por outras mil maneiras em que se pôde cooperar n'um peccado (3).

Para a salvação não basta crêr; é necessario obrar bem; e para isto não é sufficiente abster d'actos peccaminosos, mas se deve além d'isto não omitir os preceituados: não basta evitar os peccados de comissão; os peccados d'omissão devem evitar-se com singular cuidado.

Eis aqui em que faltam hoje, sobretudo na Hespanha, os bons filhos da Igreja. *Os filhos das trevas são mais prudentes* (4) que nós; pois enquanto elles trabalham, se agitam, não tendo inconveniente, como os phariseus em atravessar o mar, para fazer proseli-

tos, (1) nós, se não somos surpreendidos e seduzidos pelo erro e pela corrupção, vegetamos na enercia, deixando que as nuvens do erro avancem sobre os horisontes sociaes e religiosos, sem que sejam bastantes para fazer-nos sabir da nossa culpavel apathia. Nem as exhortações dos Pastores, nem os lamentos da Igreja, nem os perigos da sociedade, nem a ruina e degradação das familias, nem a nossa consciencia e dignidade vulneradas pelos sophismas e licenças da mentira.

Oh! veneraveis Irmãos e amados filhos, o peccado do silencio, tanto de palavra como de obra, é o grande peccado dos fieis dos nossos tempos; essa é tambem a desgraça actual, e se não estivesse defendida por promessas infalliveis, esse poderíamos chamar com razão o grande perigo da Igreja.

Não nos façamos cúmplices de semelhante peccado. Não vos envergonheis de confessar Jesus Christo, a sua doutrina e a sua moral diante dos homens, porque *aquelle que aqui se envergonha de Jesus Christo e dos seus ensinamentos, será negado por Elle ante seu Pae celestial*. (2) Antes pelo contrario: segundo nos manda o mesmo Senhor, *o que tenhaes ouvido no segredo da noite, dizei-o em publico d luz do dia, e o que aprendestes ao ouvido, pela fé, pregae-o sobre os telhados. Não temaeis os que matam o corpo, e não podem matar a alma: antes sim, temei aquelle que pôde lançar a alma e o corpo no inferno* (3).

E n'esta vasta e deplorabilissima conspiração do silencio, não sejaes cúmplices vós, veneraveis Sacerdotes, cooperadores nossos no *ministerio da palavra*; que não sem mysterio tendes nos livros santos o nome de *trombetas d'Israel*. Como trombetas, pois, *clamae sem cessar, levantae a vossa voz, e annunciae ao povo de Deus os muitos peccados* (4) que em si encerra o Liberalismo, e de que facilmente se fazem réus os cidadãos pouco precavidos e temerosos de Deus. «Quando o medico. — escrevia não ha muito um veneravel Bispo americano (5) — por condescendencia e respeito humanos não applica ao enfermo, que lhe conliou a conservação da saude, remedios effectivos, amargos, dolorosos, e por esta omissão o enfermo enfraquece, peora e por fim morre; ninguem deixará de tornar responsavel d'esta morte o condescendente doutor.

«Nem mais nem menos pôde dizer-se da sociedade religiosa, que aqui

«ou alli, graças á negligencia, ao descuido, ao silencio dos seus naturaes guardas e directores, se encontra doente ou debilitada pelo virus de doutrinas heterogeneas, e falsas que mãos estranhas introduzem em seu seio. Se por estas causas o corpo mystico do Senhor se desfigura, enfraquece e paralyza o seu movimento e a sua vida, a quem affectará a responsabilidade de tão triste estado?»

No tempo do perigo o medico sollicito redobra os seus cuidados ao enfermo, como na epocha de epidemia e contagios, inventa preservativos, annuncia-os, recommenda-os, impõe-os. É que maior epidemia de doutrinas dissolventes e corruptoras do que a que por desgraça existe em todas as camadas da atmospheria social? Quando foi mais perigoso o contagio? Quando mais facil a seducção e a morte?

Portae-vos, pois, veneraveis Irmãos, nas presentes circumstancias como medicos zelosos, caritativos, prudentes, fortes sem dureza, brandos sem condescendencias perigosas, energeticos com doçura, suaves sem fraqueza, intransigentes com discricção, perseguindo o erro, mas buscando as ovelhas extraviadas com o vivo carinho do Bom Pastor.

Prégae, instrui, sobretudo aos jovens e aos meninos. Imitae os filhos das trevas. Não védes, como se aposaram das intelligencias virgens da innocencia e da juventude, para infiltrar n'ellas d'um modo incuravel o virus do erro e do peccado? Pois procurae annullar as malignas obras dos satélites do Liberalismo: opponde vos aos seus intuitos, desfazei os seus satanicos planos. Pensae no que vale uma alma, no que pela redimir e salvar fez Nosso Senhor Jesus Christo, e com certeza que conscientemente não deixareis perecer vossos irmãos que são tambem vossos filhos. *Peribit in tua scientia frater, pro quo Christus mortuus est* (1). Oxalá sejam fructuosos os vossos trabalhos e desvellos, e com elles livres as almas confiadas ao vosso cuidado do pestifero erro, d'esse cholera moral, que tantas victimas tem causado e causa na Hespanha e no mundo; cholera mais terrivel ainda para as almas do que o asiatico para os corpos. Oxalá que em meio de tantos laços estendidos á fé e á virtude pelo Liberalismo contemporaneo, possam exclamar um dia gozosos os nossos diocesanos: *laquens contritus est, et nos liberati sumus!* Graças ás prégações e avisos dos nossos parochos foi rompido o laço estendido ás nossas almas, e nós fomos libertados! (2)

(1) Psalm. LXXIII.

(2) Ibid., IV, 11 e 14.

(3) Veja-se Villada, *Causa Conscientiar*, Part. I de Liberalismo.

(4) Lucæ, XVI, 8.

(1) Matth., XXIII, 15.

(2) Matth., X, 33.

(3) Matth., X, 27 e 28.

(4) Isaie, LVIII, 1.

(5) O ex.º sr. Salas, Bispo da Consciência (Chili).

(1) I Corinth. VIII, 11.

(2) Psalm. CXXIII, 7.

Em testemunho da sinceridade dos nossos desejos, e do entranhavel amor que ao Clero e povo professamos, damos a todos e a cada um a Nossa benção pastoral em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo.

Dado em nosso Palacio Episcopal em Murcia a 3 de março de 1889.—THOMAZ, Bispo de Cartagena.

## SECÇÃO HISTORICA

### Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

55.º

CXXX

#### P. Luiz Bourdaloue

Os homens grandes na preclarissima Companhia de Jesus succedem-se uns aos outros, sendo muito difficil escolher entre elles os que devem em primeiro logar ser notados n'uma Galeria. Os escriptores catholicos geralmente teem affirmado que a Ordem de Santo Ignacio é uma sociedade exemplarissima e sapientissima, e os mesmos escriptores heterodoxos não o negam: alguns até a denominam sociedade de heróes.

N'este juizo não ha hyperbole, é a verdade que a historia nos subministra com toda a evidencia. Não ha hyperbole, repetimos.

Na Companhia de Jesus nem todos são genios superiores, como succede em todas as aggremações. E' certo, porem, que esta Ordem tem sido, desde a sua origem, officina de varões santos e sabios, benemeritos da Igreja e da humanidade.

Nem todos os jesuitas mostraram capacidade para todo o genero de occupações proprias do seu ministerio. Alguns teem talento para uma certa especialidade; mas entre elles houve muitos que foram consummados em tudo, se é possivel haver quem assim deva chamar-se.

Já temos apontado alguns, sem escolha, conforme nos vão occorrendo, pela difficuldade da preferencia.

Aquelle que agora nos occorre distinguui-se na eloquencia sagrada: é o jesuita Luiz Bourdaloue, que todos consideram como o mais famoso prégador do seculo de Luiz XIV.

Segundo alguns criticos, este jesuita excedeu na eloquencia do pulpito a Flechier e a Bossuet, e o Abbade Moury prefere-o a Massillon. Elle creou uma eschola, e o celebre Bispo de Meux chamou-lhe Mestre universal. Este elogio dispensa todos os outros.

Nasceu Luiz de Bourdaloue em Bourges (França), em 1632, vestindo a roupa de Santo Ignacio em 1648. Foi para Pariz em 1669: a capital resoulogo com o estrondo dos seus sermões; tudo corria em multidão a ouvir o famoso orador. Conta Madame de Sevigné que a igreja, em que elle tinha de prégar, era invadida dois dias antes da hora do sermão!

Luiz XIV era assiduo ouvinte aos sermões de Bourdaloue, querendo antes ouvir as suas repetições que as coisas novas d'outros oradores.

Bourdaloue fallava com coragem, chegando até a reprehender do pulpito as faltas do monarcha. E este disse um dia deante dos seus cortesãos: «Senhores, o P. Bourdaloue fez o seu dever, façamos nós o nosso.»

Mas o jesuita Bourdaloue era mais do que orador: era um apostolo, mais pela santidade de sua vida que pela superioridade de seu talento. O exercicio habitual do ministerio, a direcção das almas, a visita dos enfermos, o amor dos pobres, lhe deram esse coração humano que o tornou celebrado: cada um dos seus sermões era um tratado de moral pratica.

Por muitos annos prégou o advento e a quaresma em Pariz, Montpellier e outras cidades da França. Era chamado o *Rei dos prégadores* e o *Prégador dos reis*; e com isto está dito tudo.

Nos ultimos annos da sua vida abandonou a cadeira e dedicou-se unicamente ás assembleias de caridade, ás prisões: elle tinha uma habilidade particular para assistir e consolar os doentes. Viu-se muitas vezes do pulpito voar ao leito d'um moribundo.

Morreu este santo e sabio jesuita a 13 de maio de 1704, admirado do seu seculo e respeitado até dos inimigos dos jesuitas. Como diz um auctor, a vida do P. Bourdaloue era a melhor refutação das *Cartas Provincias* de Paschal.

CXXXI

#### P. Francisco Bretonneau

Acabamos de fallar do grande Luiz Bourdaloue, cujas obras predicatorias, que se compõem de 18 volumes, foram editadas pelo seu confrade Francisco Bretonneau. Vejamos, pois, quem foi este homem.

Nasceu em Tours (França), em 1660. Na idade de 15 annos professou na Companhia de Jesus, occupando varios cargos na sua Ordem, de que se tornou digno por suas virtudes e sciencia. Adquiriu grande reputação pelas edições das obras de varios confrades, entre as quaes se distinguem as do P. Bourdaloue. São magnificos os prefacios que elle poz ás edições, pela sua exactidão, clareza e precisão.

O P. Bretonneau, alem d'isso, escreveu em 3 volumes os pensamentos de Bourdaloue sobre diversos assumptos de religião e de moral: é uma obra completa no seu genero, um verdadeiro tratado de philosophia, apresentado com uma simplicidade e uma dignidade de linguagem, que não tem imitadores. Esta obra dá honra aos dois jesuitas.

Mas o P. Francisco Bretonneau tambem foi um distincto orador sagrado. Seus sermões, em 7 volumes, respiram a eloquencia christã, supposto que estão abaixo dos do seu confrade Bourdaloue: o que não quer dizer que não fosse um bom orador.

Publicou outras obras espirituales de muito merecimento, e a *Vida de Jacques II*, rei de Inglaterra, desthronado pelos protestantes.

O jesuita Bretonneau, que não era menos virtuoso que sabio, falleceu em 1741.

(Continúa)

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

## SECÇÃO CRITICA

### Annaes

dos *Annaes da Propagação da Fé* que n'estas linhas nos propomos a dizer em abreviada noticia. São estes *Annaes* a continuação das *Cartas Edificantes*, e assim seguida a *Chronica das Missões de Verdadeiros Missionarios*, nas cinco partes do Mundo. Não ha *Annaes* ou *Revista*, que exceda ou mesmo iguale os *Annaes da Propagação da Fé*, preciosissima collecção! Ha tempo para cá tornados ainda mais verdadeiramente interessantes pelas suas illuminuras. A edificação que produzem é a propria da narração incontestavelmente veridica de factos sellados com o ardor puro da pura Fé Christã, nos esforços e nos triumphos de taes esforços «mediante a Divina Graça!» São os ditos *Annaes* um relatório continuo de accções heroicas, de prodigios de zelo, de attestado do valor e importancia da verdade! São a historia dos tempos primitivos do christianismo, tornada a ser feita com factos *similes!* Valem uma narração-protesto a confundir os mentirosos, que affirmam o catholicismo a morrer e passado o tempo dos prodigios e dos milagres! São um quadro do que póde a Doutrina Catholica contra todos os erros! Demonstram o que é o homem com Deus! De tudo isto resulta edificação, a qual é o inimigo do escandalo. E que motivo para ser edificado o ver a troca solitaria dos gozos temporaes honestos por uma vida de sacrificios!

E se os missionarios são os heroes, as irmãs de caridade nas missões e outras congregadas são as heroínas. Os *Annaes da Propagação da Fé* constituem um manual da sciencia; ensinam, primeiro que tudo, como os homens são guiados para sua salvação eterna sem esquecimento do bem temporal compatível com o bem para sempre; ensinam a polemica na defesa da verdade; referem a Historia dos Povos onde vivem ou por onde passam os missionarios; marcam a Geographia, a Topographia, a Biologia, a Astronomia, a Meteorologia e condições climatericas, a Medicina, o Estado moral, as Leis, Usos e costumes, a Agricultura, o Commercio, a Industria, a Navegação, as Artes, os Conhecimentos ou Instrução, a Folgança indigena, o Character pessoal, as Tradições, a Reciprocidade de relações entre povo e povo, etc., tal é a grande importancia scientifica dos *Annaes da Propagação da Fé!* E como é que estes encerram tanta valia? é porque referem-se aos actos dos missionarios nos povos e desertos onde estacionaram ou por onde passaram os mesmos enviados de Deus; e continuam a estacionar e passar, com o mesmo futuro. Quando Deus manda todos os cuidados cessam, pois a Divina Omnipotencia se encarrega de tudo; manda lá do alto os missionarios para povos, cuja lingua desconhecem, e os missionarios missionam logo aquelles povos e vêm a ser os auctores das grammaticas e dos dictionarios que aquella gente não tinha: quantos exemplos prodigiosos d'estes! Verdadeira recreação encerram os *Annaes da Propagação da Fé*; contêm o Romance, ou narrações romanticas não de phantasias, mas de factos; não de actos desmoralizados e desmoralisadores, porém, sim edificantes e edificadores e ao mesmo tempo recreando pelo seu enredo de facto bem descripto.

O Romance, *in genere* não só é permittido, mas até recommendado como um meio *sui generis* ameno no serviço da boa instrução moralisadora, e honestamente recreativa e *scilicet* o romance verdadeiramente christão. O romance ou poesia nos *Annaes da Propagação da Fé* consiste no interesse das pittorescas descripções, nas peripécias entre tantas variadas circumstancias, nos dialogos entre os missionarios e os indigenas de milhares de indignatos, na pintura de habitações e trajés, e em outras noticias que também recreiam com verdadeiro aproveitamento. Os *Annaes da Propagação da Fé* estão no seu tomo LXII, com uma publicação regular de opusculos bimensaes; os associados da mesma *Propagação* têm-os com a esmola de 10 reis semanais a favor da tão grande obra

a *Propagação da Fé!* Lidos passam para as mãos do chefe de Decuria, que os fica possuindo como premio de decurião; pôde também um associado aquella obra (ou mesmo outro, bem o creio) dar 45800 reis por anno e é como se fizesse para si proprio uma assignatura.

Muito perdem os que não lêem os *Annaes da Propagação da Fé!* perdem na edificação de suas almas, e no enriquecimento de suas intelligencias.

Os mesmos *Annaes* têm um iman que se manifesta pelo desejo de continuar a lê-los desde que se lê um opusculo de tão piedosa, sabia e recreativa collecção!

Dom Antonio de Almeida.

## SECÇÃO NECROLOGICA



ALLECEU ha um mez o pae do nosso assignante e amigo da nossa Revista, o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Francisco Osorio d'Aragão Teixeira Alpoim, da nobre casa da Boavista, em Basto.

Tambem falleceu, de repente, a mãe dos nossos amigos e assignantes, os Ex.<sup>mos</sup> Srs. Dr. Manoel Dias da Silva e Prior do Souto.

Egualmente falleceu, na Praia da Apulia, o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Commandador Antonio de Mendanha Arriscado, homem de muita caridade e bondoso, cuja morte foi muito sentida por todos os que tinham a honra de o conhecer.

A todas estas familias enlucladas em viamos a sincera expressão do nosso pesame; e aos caridosos leitores da nossa revista pedimos se não esqueçam nas suas orações da alma dos finados.

## DECLARAÇÃO

Manoel Maria Fructuoso, que teve a seu cargo a redacção do *Progresso Catholico* desde 15 de Junho de 1889 até egual dia de 1890, participa que desde esta ultima data não é responsavel de nenhuns artigos da mencionada publicação, e simultaneamente agradece aos dignos e illustrados collaboradores a companhia com que o honraram, pedindo-lhes desculpa d'alguma falta involuntaria em que porventura para com elles tenha incorrido.

## Aos nossos collaboradores

Temos em nosso poder artigos que não tem sido publicados com a prestesa que era para desejar, por absoluta falta d'espaco. Esperamos que os nossos presados collaboradores nos desculpem. Os artigos apparecerão quando o espaco nos o permitta.

## RETROSPECTO

*Cura milagrosa em Lourdes.*—O presado leitor talvez haja reparado que, sempre que temos ensejo de fallar em milagres, o não desaproveitamos. Assim é; e julgamos isso muito conveniente, não só para maior honra e gloria de Nosso Senhor e de sua Santissima Mãe, mas para desmentir, com factos, as impias affirmações das consciencias vendidas a Satanaz, que affirmam diariamente, nas gazetas avulsas de 10 reis e pela palavra fallada, que os milagres não existem e que são invenção do clero para mais facilmente poder dominar as consciencias fracas e timoratas.

E' sabido que quem nega a existencia do milagre, nega a existencia do proprio Deus e todos os seus attributos: poisque, se Deus é todo poderoso, e não se move a mais insignificante areia sem sua ordem,—quem o impede de fazer milagres?

Os infelizes, que negam a possibilidade do milagre, não vêem que caem na mais grosseira impiedade!

Hoje occupar-nos hemos d'uma cura sobrenatural, operada na pessoa da snr.<sup>a</sup> Oppenot, de Joux. O jornal estrangeiro, d'onde tiramos estas informações, começa por detalhar a sua doença, occupando com isto largo espaco. Para não alongarmos muito esta narrativa, supprimiremos estes detalhes. Começaremos a informar os leitores só desde o ponto em que a narrativa trata d'aquella cura, «cujos pormenores,—diz quem a escreve—me foram dados pela mesma snr.<sup>a</sup> Oppenot».

E continúa:

Logo que se pôz a caminho para Lourdes, as dôres internas e as das mãos fizeram-se sentir com mais energia que nunca. Durante a viagem, inchou-lhe o corpo dos pés á cabeça e começaram as hemorragias. A sua chegada a Lourdes, foi mister trasladal-a immediatamente ao hospital, onde recebeu a visita de quatro medicos. Seu estado aggravou-se de tal maneira que se tornou necessario administrar-lhe os ultimos Sacramentos. O rev. Paroco Sauniere, professor de philosophia no Seminario de Narbona, administrou-lhe a Extrema-Unção.

Alli tambem expelliu, com o sangue, pedaços de carne e fragmentos d'ossos das costellas, que foram recolhidos e examinados pelos quatro medicos. Um dos pedaços de carne era tão grande, que foi necessario extrahir-lh'o da garganta com pinças. Ao mesmo tempo, a suppuração da mão era abundante.

N'este estado, visinho da morte, a snr.<sup>a</sup> Oppenot pediu que a levassem á piscina para ser submergida. Medicos, Padres, enfermeiros, todos se oppuzeram.

«—Consinto, disse ella, em morrer, se é essa a vontade de Deus; nada temo. Vim aqui para pedir a minha cura á Santissima Virgem, e quero ser levada á gruta e submergida na agua da piscina, uma e mais vezes; repito, faça-se a vontade de Deus.»

Ante resolução tão firme, fez se lhe o que desejava. Foi submergida na agua da piscina quatro vezes. Da primeira vez julgou que morria e os que a rodeavam creram-no ainda mais do que ella. Na quarta vez foram tantos os vomitos de sangue misturados com pedaços de carne, que a agua estava completamente avermelhada. Instantaneamente a inchação desapareceu; mas isto não era a cura. Sua debilidade era extrema. Foi collocada em sitio conveniente ao passar o SS. Sacramento em procissão: a debilidade da doente era a mesma. A' ultima hora levaram-na para junto d'um altar, sitio chamado da reserva. Havia alguns minutos que alli se achava, quando experimentou em todo o corpo uma sensação, que não sabe explicar. Levantou-se de repente e disse:

«—Já não sinto mal algum; estou curada!»

Imagine-se qual não seria o assombro das pessoas que a acompanhavam! O assombro foi todavia maior ao tirar-lhe da mão os pannos ensanguentados. Estava perfeitamente curada! As chagas tinham desaparecido. Nenhum signal de mal; o osso morto do dedo index ficou desprendido e pegado aos pannos.

N'este estado apresentou-se deante dos quatro medicos. Um d'elles d'ideias sem duvida anti-religiosas, disséra: «Se esta senhora chegar a curar-se, acreditarei em milagres!» Nada lhe resta agora senão render-se á evidencia dos factos. Acreditará agora? Não o sabemos; porém deu testemunho da cura instantanea, e quer certificar-se se a cura foi radical, poisque rogou ao dr. Deletang, de Arcy, que lhe dê noticias da snr.<sup>a</sup> Oppenot «cuja cura de Lourdes, disse, reveste um caracter especial.»

A enferma sahiu da capella para assistir a uma procissão. Depois voltou ao hospital, onde tomou uma chavena

de caldo, um pouco de carne e um copinho de vinho. Desde que regressou de Lourdes continúa muito bem, e declara que nunca comeu com tanto appetite, nem dormiu tão bem desde ha vinte annos.

Nos dias seguintes do seu regresso a Joux, foram innumeraveis as visitas que recebeu. Todos queriam tornar a ver aquella mão cuja vista espantava oito dias antes. Todos ficaram maravilhados. Muitos diziam: «E' realmente milagroso!» Outros: «Nunca se viu coisa semelhante!», e até os mais incredulos não podiam deixar d'exclamar: «Isto é evidente.»

O facto é, pois, verdadeiramente milagroso, porque a cura foi instantanea. Nas leis da natureza vê-se que um membro enfermo se cura lentamente e que se não passa do estado agudo de uma enfermidade a saude perfeita sem uma convalescença mais ou menos larga.

A snr.<sup>a</sup> Oppenot teve sempre muita fé e grande confiança na Santissima Virgem, pelo que foi recompensada.

*Mão baixa feita pelo governo francez a um legado pertencente á Egreja.*

—O governo francez prohibiu (quem dá a noticia não nos diz porque *bullas*) ao snr. Arcebispo de Paris que recebesse o legado de 10:000 francos (1:800\$000 reis), que a viuva Bonnet deixára em testamento á Basilica do Sagrado Coração de Montmartre. Segundo *Le Temps*, a unica razão d'este decreto é o governo entender que os legados, já feitos para aquella monumentalissima obra, ascendem a quantia superior á que é necessaria para a levar a effeito.

Baldadamente se perguntará ao governo francez se a Egreja não está reconhecida como entidade juridica e se lhe não é permittido receber legados. O governo decretou, e está muito bem decretado; se a Egreja appellar para o tribunal competente, lá está a influencia maçonica, que faz do direito torto e do torto direito.

Não ha que estranhar; em França está se em pleno reinado liberalreio; para estranhar seria se o elemento liberalenga-maçonico, que officialmente governa a França, respeitasse os direitos da Egreja e dos catholicos.

*Reinstallação dos frades dominicos em Cadiz.*—N'este mez Cadiz presenciam um acontecimento religioso inteiramente novo para a actual geração: referimo-nos á reinstallação da comunidade de Padres dominicos no seu antigo convento, abandonado fortuitamen-

te por essa comunidade a 18 d'agosto de 1835, bem como outras cinco casas conventuaes alli existentes, devido aos acontecimentos que a historia já julgou imparcial e severamente.

Apesar de terem decorrido bastantes annos depois d'aquelle acontecimento, ainda vivem das antigas comunidades de Cadiz tres sacerdotes, que fazem parte do seu clero: Frei Fernando Fernandez, de Cadiz, missionario apostolico e ex-parocho da freguezia de Santo Antonio, d'aquella cidade; Frei Gonçalo Valverde, actual capellão da igreja do seu ex-convento do Carmo, tambem de Cadiz, e Frei Gregorio de Sevilla, religioso capuchiuo e contemporaneo do Bispo Frei Felix. Este ultimo não desempenha cargo algum.

Estas tres reliquias de conventos merecem que nos descobramos reverentes ante as suas veneraveis cãs, que nos recordam um passado ditoso para a Religião catholica e um periodo de grandezas para a Egreja.

Nós tambem temos ainda, graças a Deus, venerandas reliquias vivas das nossas ordens religiosas, extinctas pelo odio liberalreio do Mata-frades e de mais alguém; mas, a despeito de todos vermos que a extincção das ordens religiosas entre nós tem sido a causa de todas as ultimas desgraças da nossa estremecida patria, já não abrigamos a esperanza de ver essas venerandas reliquias extinguirem-se nas suas casas, das quaes foram arrancadas violentamente.

A patria pagará os erros e os odios dos seus homens officiaes!...

*O Papa tem necessidade do poder temporal.*—Os inimigos da Egreja e do Papado propalam que o Papado não tem necessidade do poder temporal, porque é uma potencia essencialmente moral. Outros, mais *sabios*, argumentam, para fazer vingar a sua estúpida theoria, que Jesus Christo disse que o seu reino não era d'este mundo, e que, portanto, a Egreja não precisa nem deve ter poder temporal. São theologos d'agua chilra, que, para interpretar os textos biblicos, só se soccorrem dos seus dotes intellectuaes, do livre exame, como todo o hom protestante, que, por muito estúpido que seja, se julga apto para interpretar a palavra divina.

O celebre publicista La Guéronnière, secretario de Napoleão III, dá, no seu livro *O Papa e o Concilio*, o seguinte testemunho em favor do poder temporal dos Papas: «A doutrina catholica e a razão politica reconhecem a necessidade do poder temporal; é preciso que o chefe de 200 milhões de catholicos não obedeça a ninguem, nem

esteja subordinado a potencia alguma. Se não fosse soberano independente, seria francez, austriaco, hespanhol ou italiano, e o nome de sua nacionalidade lheitaria o caracter de Pontificado universal. Nem tambem a Santa Sé seria o apoio d'um throno collocado em Vienna ou em Madrid. Importa á Inglaterra, á Russia e á Prussia, como á Austria e á França, que o Augusto Representante do Catholicismo não viva opprimido, humilhado nem subordinado.»

Com vista aos inimigos do poder temporal do Papa.

*A Egreja libertadora dos escravos.*— A empresa iniciada em todo o mundo pelo Em.<sup>mo</sup> Cardeal Lavigerie com o fim d'extinguir a escravatura africana, tem sido applaudida por todos os homens sensatos, mesmo os que são adversos á Egreja. Esta empresa é um dos actos gloriosos do pontificado de S. S. Leão XIII. que, como se sabe, é quem impelle o Em.<sup>mo</sup> Cardeal Lavigerie a dedicar-se a esta brillantissima tarefa.

E, a este proposito, convem saber que não é d'hoje que a Egreja catholica se dedica a resgatar escravos. A insigne Ordem Hespanhola da Mercê tinha resgatado nos principios d'este seculo, não só com dinheiro dos fleis, mas á custa das vidas dos religiosos, 71:000 captivos, 7:000 durante a vida do seu fundador, S. Pedro Nolasco, 1:400 na epocha do seu successor Guilherme de Bas; mais de 700 em tempo de Fr. Bernardino de S. Roman; 1:316 no de Pedro de Amer; 2:000 no de Alberto, e 1:530 no de Fr. Raymundo Alberti.

Ah! se aquelles que fallam contra a Egreja estudassem bem a historia ecclesiastica, não diriam tanta tolice!

F.

**ANNUNCIOS**

CONDE DE SAMOËS

**MEZ DOS FINADOS**

MEDITAÇÕES

Para o mez de Novembro

Com approvaçõ e indulgenciado por S. Em.<sup>a</sup> o Snr.

CARDEAL, BISPO DO PORTO

Preço 400 réis

Pedidos com a importancia aos successores de Teixeira de Freitas—Guimarães.

**Manual de Piedade Christã**

Para uso dos fleis e das pessoas devotas

Traduzido e compilado, em grande parte, das obras asceticas de S. Affonso de Ligorio, contendo uma grande copia de orações indulgenciadas, varios exercicios, canticos piedosos, etc.

PELO PRESBYTERO

MIGUEL FERREIRA D'ALMEIDA

Doutor na S. Theologia e Direito Canonico, Conego Honorario da Santa Basilica-Cathedral de Loreto, Examinador pro Synodal, Professor de Philosophia Thomista no Seminario Episcopal de Vizeu, e antigo Missionario Apostolico.

2.<sup>a</sup> edição correcta e muito augmentada, com approvaçõ do Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. Bispo de Vizeu.

1 volume de 624 paginas constituindo um magnifico e indispensavel livro de missa Preço, encadernado 400 réis; brochão 320.

A' venda na Livraria Catholica Portuense, de Manuel Malheiro—editor, rua da Picaria, 85 e 87—Porto, e na de Teixeira de Freitas, em Guimarães.

**O MEZ D'OUTUBRO**

CONSAGRADO A

**NOSSA SENHORA DO ROSARIO**

Traduzido do italiano sobre a versõ franceza do Conego Halles

PELO PRESBYTERO

MANUEL FRANCISCO DOS SANTOS PEIXOTO

Examinador pro-synodal do Bispado d'Angra, Pregador regio, Vigario da Parochial da Villa de S. Sebastião na Ilha Terceira, etc., etc.

PARA USO DOS SEUS PAROCHIANOS

Approvedo, recommendado e indulgenciado pelo Ex.<sup>mo</sup> Snr. Cardeal Patriarcha de Lisboa, pelos Ex.<sup>mos</sup> Rev.<sup>mos</sup> Snrs. Arcebispo de Braga e Bispos de Angra, Funchal, Lamego e Nilopolis.

1 volume de 256 paginas 200 reir.

Com linda capa de percaline 300 rs.

**HISTORIA**

DE

**SANTA MONICA**

PELO ABBADE BOUGAND

Vigario Geral de Orleans

Traduzida com a permissão do auctor em 1884 pela

**VISCONDESSA DAS NOGUEIRAS**

2.<sup>a</sup> edição portugueza

Preço. . . . . 600 réis

Pedidos com a importancia a Teixeira de Freitas, successores—Guimarães.

**MANUAL DA PIA UNIÃO**

DAS

**FILHAS DE MARIA**

SOB O PATROCINIO DE SANTA IGNEZ V. E M.

Compilado do Manual da União Primaria de Roma, do mesmo titulo, e de outros livros de piedade

PELO CONEGO

**DR. ANANIAS CORRÊA DE AMARAL**

E APPROVADO PELO EX.<sup>mo</sup> E REV.<sup>mo</sup> SNR. BISPO DE PERNAMBUCO

E approvedo e indulgenciado pelos Em.<sup>mos</sup> e Rev.<sup>mos</sup> Snrs.

Cardeal Patriarcha de Lisboa, e Cardeal-Bispo do Porto

e pelo Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Director Geral da Pia União, em Roma

Este livrinho, indispensavel a todas as Filhas de Maria, por conter os estatutos da Pia União, e a regra que todas devem seguir, é tambem um verdadeiro livro de devoção, pois que além das orações de missa, confissão, communhão etc. etc. tem um copioso numero de devoções, praticas de piedade etc. etc.

1 vol. de 480 paginas, com capa de percaline . . . . . 400

Em melhor papel, folhas douradas etc. . . . . 600

Pedidos com a importancia aos successores de Teixeira de Freitas — Guimarães.